

O preço da lição incompleta

JORNAL DO BRASIL

23 MAI 2006

O NERVOSISMO EXIBIDO ONTEM no mercado financeiro, com queda substancial nas bolsas e acentuada elevação do dólar, foi só o prenúncio do que de mais grave poderá ocorrer com a economia brasileira no futuro breve. A bonança internacional parece ter chegado ao fim, e o país não fez a lição de casa que deveria ter feito para enfrentar períodos de turbulência futura. Em ano eleitoral, corre o risco de pagar um preço alto demais pelo serviço incompleto.

Os temores de ontem seguiram as previsões dos analistas mais sensatos: há sinais de aceleração inflacionária nos Estados Unidos, o que tornou incerto o fim do aperto monetário implementado pelo Federal Reserve, o banco central americano. Com a possibilidade de aumento dos juros na principal economia do planeta, ficaram ainda mais evidentes os indícios de desaquecimento mundial. Essa perversa conjugação de fatores ameaça mudar a face de tranquilidade exibida no ambiente internacional nos últimos anos.

As consequências deverão ser especialmente perigosas para países emergentes como o Brasil. Com a perspectiva de turbulência, amplia-se a chamada "aversão ao risco", que leva os investidores internacionais a aplicar dinheiro nas economias mais seguras e evitar sua participação nos mercados mais instáveis — que, com taxas de juros mais altas, remuneram melhor os investimentos. Além disso, tende a cair o preço das *commodities*, cujos níveis elevados têm sustentado as exportações e ajudado o país a obter superávits nas contas correntes. O nervosismo, já pressentido dias atrás, trouxe efeitos especialmente perturbadores: o risco-país disparou.

Convém sublinhar que foram as vigorosas taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) mundial, estimuladas pelo crescimento americano, que garantiram a atual liquidez internacional. Foram também responsáveis pela elevação dos preços das *commodities* — mais de 40% entre janeiro de 2002 e o início deste ano.

O problema mais grave, insiste-se, é que o Brasil não se preparou devidamente para enfrentar cenários intranquilos. A chegada ao poder do PT e de Lula mostrou que um governo de esquerda latino-americano pode conduzir a economia de maneira responsável. Não houve rupturas. Não se quis reinventar a roda. Cumpriram-se as metas de superávits fiscais. A dívida externa atingiu níveis baixos, com melhora de seu perfil. Mais recentemente, cresceram as reservas internacionais do país. Melhorou-se a composição da dívida pública, com eliminação da parcela dolarizada. Somados, tais fatores reduziram o risco-Brasil.

Faltou, porém, fazer um

Sem completar seu ajuste fiscal, o Brasil continuará subjugado pelos altos juros e impostos elevados

ajuste fiscal mais rigoroso. Em vez de aproveitar o venturoso ciclo internacional, o governo decidiu elevar os gastos públicos. Enquanto aumentava as despesas com a máquina administrativa e com as benesses de um Estado perdulário, o país obteve crescimento econômico mediocre, se comparado à taxa média das nações emergentes. (Estas cresceram em média acima de 7% ao ano entre 2004 e 2005; o Brasil manteve-se no patamar de 2,7%). Na raiz do baixo crescimento está a gigantesca dívida pública brasileira. O tamanho da dívida e a composição atrelada a títulos indexados pela taxa Selic explicam as elevadas taxas de juros no país.

Não é demais insistir na tese de que, sem resolver seus problemas fiscais, o Brasil continuará subjugado pelos juros imorais e pela carga tributária asfixiante — três vezes maior do que o México, por exemplo. Adiar a tarefa de realizar um verdadeiro ajuste poderá garantir dividendos eleitorais no curto prazo. Mas a fatura virá — e a cobrança já está em curso.